

Representações da cultura paraguaia

Maiara Cano Romero Pereira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Brasil

1 Introdução

O território que constitui o estado de Mato Grosso do Sul já foi bastante disputado: primeiro no período colonial, entre Portugal e Espanha, depois entre o Brasil e o Paraguai. Por isso, quando tratamos da migração paraguaia, temos que lembrar o período após a Guerra do Paraguai¹, quando os migrantes vieram servir de mão de obra na produção da erva-mate sob o comando da Companhia Mate Larangeira. No período pós-guerra, o Paraguai ficou arrasado e a fome e a pobreza levaram um grande número de paraguaios a saírem de seu país e migrarem para os países vizinhos, como Brasil e Argentina, em busca de novas oportunidades para reconstruírem suas vidas.

Corrêa (1997) afirma que no período do pós-guerra os paraguaios formaram o maior grupo que migrou para o sul de Mato Grosso, trazendo suas crenças e costumes que vieram influenciar a cultura da região. Em outros momentos, surgiram novos motivos que os impulsionaram a sair do Paraguai, como crises econômicas e governos ditatoriais. Eduardo Galeano, em sua obra *As Veias Abertas da América Latina* (2010), destaca a crise financeira como um dos motivos que levaram uma considerável quantidade de paraguaios a partirem para outros países em busca de melhores condições de vida. Para ele, “A miséria induz ao êxodo os habitantes do país que, até quase um século atrás, era o mais avançado da América do Sul” (Galeano, 2010, p. 181). Assim, no decorrer do século XX, o êxodo dos para-

¹A Guerra do Paraguai foi constituída pelo Brasil, Argentina e Uruguai que juntos batalharam contra o Paraguai entre os anos 1864 a 1870.

guaios continuou, desencadeado por ditaduras e crises econômicas sucessivas (Jara, 2012, p.3).

Com a imigração para o sul do Mato Grosso, os homens paraguaios vieram servir de mão de obra barata para o trabalho nas fazendas, nos ervais, nas construções de currais e na lida com o gado. Na cidade, manejavam todo tipo de trabalho com o couro, nas sapatarias e selarias onde, além de sapatos, fabricavam selas e outros utensílios usados no trabalho rural. Também dominavam a carpintaria e a charqueada. As mulheres paraguaias imigrantes, por sua vez, exerciam trabalhos de empregada doméstica, vendedoras ambulantes ou outros estigmatizados pela sociedade, como a prostituição. Aos poucos, os paraguaios foram atuando em outras áreas como o comércio (Barreda, 2007, p. 32). Em geral, a lida nas fazendas foi a atividade mais desenvolvida pelos paraguaios no contexto pós-guerra em terras brasileiras, além do trabalho com a erva-mate, desde o corte até a tosta, e da atuação como mão de obra na construção civil.

Segundo Centeno (2000), o imigrante paraguaio, ao chegar às terras de Mato Grosso, vinha com esperança de conseguir um pedaço de terra para cultivo de subsistência, já que a terra no Paraguai teve uma alta valorização após a guerra, o que gerou a expulsão do mais fraco, o camponês. Corrêa (2005, p.100) afirma que a região de fronteira era habitada majoritariamente por uma população de ascendência guarani. No trabalho com a erva-mate na Companhia Matte Larangeira, os trabalhadores eram, em sua maior parte, paraguaios. Estima-se que tenha chegado a 70% entre os anos 1880 a 1930.

Desse modo, podemos observar que os paraguaios foram parte importante da constituição populacional do antigo sul de Mato Grosso, atual estado de Mato Grosso do Sul², gerando ampla influência cultural no sotaque, na culinária, na música, na expressão religiosa, entre outros. Dessa influência firmada em solo sul-mato-grossense, podemos destacar a construção de um espaço muito representativo da cultura paraguaia: a Colônia Paraguaia.

²No ano de 1977, o então estado do Mato Grosso é dividido, surgindo o atual estado de Mato Grosso do Sul.

Fundada em 1973, em Campo Grande, inicialmente era chamada de Associação Cultural Brasil/ Paraguay.

A comunidade paraguaia de Campo Grande começou a se organizar com recinto próprio na década de 1970, a partir da doação de um terreno da prefeitura para a criação da Associação Colônia Paraguaia (Jara, 2012, p.5). No período entre 2008 e 2013houveram novas práticas como o curso de audiovisual, de violão, de acordeão, de harpa, de dança regional, entre outros, havendo mais investimento para a fomentação cultural no espaço da Colônia.

Em Mato Grosso do Sul, com a mediação da Fundação de Cultura, em 2007 o governo assinou o convênio com o Ministério da Cultura, tendo por objetivo selecionar projetos para serem contemplados pelo programa federal, com chamada para instituições sem fins lucrativos da sociedade civil, com no mínimo dois anos de existência e com propostas para o desenvolvimento ações culturais.

Segundo Jara (2012, p.6), é importante enxergarmos as associações no campo das relações de poder e anseio por representação e visibilidade em um estado onde ocorreram várias ondas migratórias advindas de países diferentes. Pois,

estas atuam no sentido de garantir um espaço próprio de convívio entre indivíduos, onde suas práticas possam ser organizadas e promovidas. No interior disso, discursos frequentes são os de perpetuação, conservação e/ou resgate daquilo que é típico, dos costumes e das chamadas tradições culturais.

Assim, as atividades promovidas na Associação Colônia Paraguaia são voltadas para que a comunidade paraguaia tenha um espaço onde possa se encontrar, visando fortalecer sua identidade coletiva e representatividade. Para Mondardo (2013, p. 84), essas atividades contribuem ao servirem de base material e simbólica para as manifestações culturais tradicionais, como as danças, a culinária, celebrações religiosas, entre outras. O autor afirma ainda que os participantes dessas manifestações culturais reinventam sua identidade fre-

quentemente a partir do momento em que revivem suas tradições, compartilham e dialogam com seu outro, que é o brasileiro.

Para compreender melhor as representações da identidade e da cultura no contexto da Colônia Paraguaia, temos por aporte teórico a Análise do Discurso, a partir de Pêcheux(1997) e Orlandi(2010), que nos auxiliam a analisar os discursos dos paraguaios, descendentes de paraguaios ou brasileiros que frequentam a Colônia, a respeito do que consideram como cultura paraguaia. Assim, destacamos os discursos dos falantes, seu posicionamento ideológico, suas contradições e não-ditos, as formações discursivas em que se inserem, no que se refere à representação cultural e à identidade. Também julgamos necessário utilizar os conceitos de figuras e temas da semiótica greimasiana, relidos por Fiorin e Savioli (2001).

2 Estudos linguísticos e a Análise do Discurso Francesa (AD)

Nos anos 1960, a AD se constituiu no espaço de questões criadas pela relação entre linguística, marxismo e psicanálise. Trabalhando na confluência desses campos de conhecimento, produziu um novo recorte de disciplinas e constituiu um novo objeto que afeta essas formas de conhecimento: o discurso. Nas décadas de 1950 e 1960, por exemplo, os estudos linguísticos eram, em sua maioria, estruturalistas e tinham como objeto a língua. Saussure, considerado pai da linguística, havia direcionado seus estudos para a língua, e esta funcionaria como um sistema fechado, de modo que a fala e o sujeito foram deixados de lado.

Entretanto, temos um complexo processo de produção de sentidos afetados pela língua e pela história na constituição subjetiva e na produção de sentidos, não uma mera transmissão de informação, levando em conta as relações entre sujeitos, sentidos e seus efeitos múltiplos e variados, que configuram o discurso. O conceito de formação discursiva da AD permite ao analista estabelecer regularidades no funcionamento do discurso e com-

preender a produção de sentidos na relação com a ideologia. Para Orlandi (2010, p.43) “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada- ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada- determina o que pode e deve ser dito.” Com isso, percebemos que o discurso tem sua regularidade e que seu funcionamento se torna possível junto ao social e ao histórico.

O papel que a AD desempenha é problematizar as maneiras de ler e fazer o sujeito que fala/escreve ou o ouvinte/leitor refletir sobre o que fala e o que ouve nas variadas manifestações da linguagem, e assim, perceber que estamos sujeitos à linguagem, seus equívocos, sua opacidade, e que não há neutralidade no uso dos signos. De acordo com Pêcheux, somos interpelados a interpretar:

a análise do discurso não pretende se instituir como especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos; apenas pretende construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito. O desabafo crucial é o de construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, seja através de uma minúcia qualquer seja no espaço lógico estabilizado com pretensão universal. (Pêcheux, 1997, p. 11)

A AD nos coloca uma perspectiva metacrítica a fim de termos uma relação menos ingênua com a linguagem. Orlandi (2010) afirma que, devido às novas formas de se produzir linguagem com as tecnologias, oculta-se a história e a ideologia, apesar de ainda estarem presentes. Para sabermos o funcionamento dos discursos, temos que levar em conta a memória institucional que estabiliza e cristaliza, mas também a memória constituída pelo esquecimento, que é o que torna possível o diferente, a ruptura e a alteridade. É na movência, na provisoriidade, que os sujeitos e os sentidos se estabelecem, se estabilizam, permanecem. Os sentidos não estão soltos. Para Orlandi, “Diante de qualquer fato, de qualquer objeto simbólico somos instados a interpretar, havendo uma injunção a interpretar. Ao falar, interpretamos. Mas, ao mesmo tempo, o sentido parece estar sempre lá” (Orlandi,

2010, p.10). Cabe nos perguntarmos como nos relacionamos com a linguagem no cotidiano enquanto sujeitos que somos. Assim, a autora lança uma proposta de reflexão sobre a linguagem, o sujeito, a história e a ideologia.

Não se efetiva na análise a exaustividade, nem a completude, ela é inesgotável porque todo discurso se estabelece na relação com discursos anteriores e aponta para outros. Não há discurso fechado, mas um processo discursivo que se pode recortar e analisar. Um documento, por exemplo, tem múltiplas possibilidades de leituras. Quanto ao método, é feita uma primeira análise do material coletado, sendo o objeto discursivo retirado do material bruto. É a materialidade linguística: o que se diz, como se diz e em quais circunstâncias. Nosso ponto de partida é o que a AD visa compreender, ou seja, como um objeto simbólico produz sentidos. A transformação da superfície linguística em um objeto discursivo é o primeiro passo para essa compreensão. A história se faz presente na língua devido às palavras refletirem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis. De acordo com Orlandi (2010),

Processos de paráfrase, metáfora, sinonímia são presença da historicidade na língua. Dito de outro modo, esses processos atestam, na língua, sua capacidade de historicizar-se. Fatos vividos reclamam sentidos e os sujeitos se movem entre o real da língua e o da história, entre o acaso e a necessidade, o jogo e a regra, produzindo gestos de interpretação.(Orlandi, 2010, p. 67- 68)

A memória relacionada ao discurso é tratada como interdiscurso. Para Orlandi“o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (2010, p.31).Os procedimentos da AD têm o funcionamento da linguagem no centro de suas questões, o que leva o analista a compreender pela observação dos processos e mecanismos de constituição de sentidos e sujeitos.Os sentidos não estão só

nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos, não dependendo só das intenções do sujeito.

3 Cultura e Hibridismo

Para Laraia (2002) a cultura é intrínseca ao ser humano devido a sua natureza social, de modo que podemos afirmar que todo sujeito está inserido em uma cultura e, ao mesmo tempo, tem a habilidade de aprender outras que venham fazer parte de seu convívio. As culturas carregam suas perspectivas de mundo, com suas respectivas regras e valores, materializando-se nos sujeitos ao constituí-los e nos seus modos de organização. No processo de encontro de diferentes culturas ocorrem conflitos que, segundo Laraia, devem-se ao fato de que os “Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desconstruídas das coisas.” (2002, p.67)

Uma das consequências das diferentes visões é que os sujeitos de uma cultura tendem a considerar o seu estilo de vida o melhor e o mais correto, gerando conflitos. Os paraguaios, quando vieram para Campo Grande, também sofreram com preconceitos, o que se reflete na construção de sua identidade e estão guardadas na memória discursiva desses sujeitos. Desse modo, o conceito de hibridismo partindo de Bhabha (1998) e Souza (2004, 2007), é importante para aclarar o processo cultural “de encontro” entre a cultura paraguaia e a brasileira dentro da instituição Colônia Paraguaia. Bhabha (1998) afirma que

É apenas quando compreendemos que todas as afirmações e sistemas culturais são construídos nesse espaço contraditório e ambivalente da enunciação que começamos a compreender porque as reivindicações hierárquicas de originalidade ou "pureza" inerentes às culturas são insustentáveis, mesmo antes de recorrermos a instâncias históricas empíricas que demonstram seu hibridismo. (Bhabha, 1998, p.67)

O autor expõe o conceito de hibridismo considerando a linguagem e a identidade. Afirma que toda imagem é híbrida e por isso contém traços de outros discursos, de modo que as diferenças causem conflitos que não se resolvem. Souza (2004, p.126) esclarece que Bhabha não propõe apenas uma constatação das diferenças, mas o seu plano consiste em traduzir ou ressignificar os símbolos, atos que servem para mostrar os mitos de particularismo e de especificidade cultural.

Podemos perceber o hibridismo na enunciação do sujeito, que está localizado em um determinado espaço social e que adota um posicionamento ideológico, sendo realizada na história. Assim, ao realizarmos a tentativa de interpretar a representação, ela deve se dar a partir da observação do *locus* de enunciação do narrador, pois desse modo evidenciam-se os valores e ideologias assumidas pelo sujeito. O *locus* de enunciação é nomeado por Bhabha como “terceiro espaço”, pois nesse lugar revelam-se as contradições e também os conflitos de ordem linguística e cultural provenientes do movimento de interação do hibridismo. Segundo o autor, a cultura funciona como enunciação nos discursos de significação e institucionalização, buscando afirmar sua importância politicamente.

Bhabha (1998) destaca que a construção da identidade do sujeito nessas condições se dá em face do outro, existindo para o outro. Portanto, a construção de identidades se dá na relação eu/outro e a identidade do eu influencia a do outro, caracterizando-se assim o hibridismo entre os sujeitos, suas culturas e identidades. Dessa mesma perspectiva, Souza (2007) explica como se dá o hibridismo:

O sujeito social (e por tabela, as culturas, ideologias etc), por ser atravessado por essa heterogeneidade que o constitui, passa a ser visto como *híbrido* já em sua formação, em sua *origem*. Assim, o hibridismo não é o mero *efeito* ou *consequência* do contato entre elementos puros num contexto de heterogeneidades estanques, mas *performativa* o processo formador conflitante constante, dinâmico e incessante de linguagens, identidades, culturas, ideologias e tecnologias em contato, entrecruzamentos, travessias e contaminações mútuas. (Souza, 2007, p.11, grifos do autor)

Para Bhabha, a sobrevivência da cultura necessita ser transnacional, ao abranger experiências e memórias de ondas migratórias, e também precisa ser tradutória, dando novos significados a símbolos culturais tradicionais, que antes do contato se viam como homogêneos. O autor chama a atenção para as culturas e símbolos atuais e a necessidade de serem despidos para evidenciar sua característica híbrida, pois precisam ser considerados como signos nos diversos contextos que atribuem diferentes valores na luta pela constituição híbrida das culturas.

4 A constituição da identidade

Para Rodrigues (2010, p. 89), as identidades definem-se dentro das relações estruturais de um dado momento de reivindicação, seja para afirmá-las ou negá-las. A compreensão da identidade é relevante pelo fato de esta se formar nas/pelas práticas de linguagem, nas quais surge a voz da sociedade que ao mesmo tempo em que a define, possibilita sua existência na interação social. Para o autor, a identidade não é estabilizada, mas funciona de modo submisso “aos movimentos políticos, culturais e ideológicos que imperam em determinados períodos históricos” (Rodrigues, 2010, p.90). Ela surge de “fragmentos” e “reminiscências” de outras identidades que já passaram pelo processo de ressignificação, o que ocasiona o “nascimento” de uma nova identidade. Esse fator se deve à existência desses “fragmentos” e “reminiscências” que são responsáveis por formar as condições materiais, que, por sua vez, refletem o que se desestabilizou. Quanto à identidade nova, Rodrigues (2010, p. 93) afirma:

Uma identidade “nova” exige não apenas ser reconhecida ou ritualizada como tal. Ela, antes de mais nada, se constitui em uma tensão de relações, e assim, se impõe, se sobrepõe, negocia relações diante da(s) outra(s) por oposição, por aliança, por redimensionamento, por ressignificação, por negação, por afirmação.

O autor considera que uma nova identidade implica também uma nova forma de enunciação, de constituição discursiva, de ocupação de espaços sociais de luta e de ressignificação. Para a análise do discurso e para a psicanálise, a construção da identidade é um processo possível na/pela língua, e representa para o sujeito a dimensão simbólica, além de lhe dar a possibilidade de uma identificação. Ao tratarmos de identidade e de sujeito, entramos no espaço do simbólico, cuja mediação simbólica permite a produção e a compreensão de um idioma. Essa imersão no simbólico é o que possibilita ao sujeito colocar-se no processo de funcionamento da língua.

Quando formulamos nosso discurso, já levamos em conta o discurso e os valores do outro (Bakhtin, 2007), de modo que o sujeito é ampliado nessa relação dialógica, conforme a perspectiva sociointeracionista bakhtiniana. Para o autor (2006), a identidade só é possível por meio da relação travada entre o eu e o(s) outro(s). Somos definidos na relação com o outro e, ao tomarmos consciência dessa dependência na relação dialógica, podemos tentar compreender a identidade. Ela é investigada a partir da alteridade, ou seja, o eu é constituído a partir do outro, na alteridade que se dá no encontro de palavras. Para Bakhtin, “eu não posso passar sem o outro, não posso me tornar eu mesmo sem o outro; devo encontrar a mim mesmo no outro, encontrar o outro em mim” (Bakhtin, 2010, p. 323). O outro também é o responsável pela incompletude do sujeito. Ele desperta no eu a necessidade de uma completude. O eu é concedido pelo outro e esse eu é diferente e o mesmo, concomitantemente.

É assim que podemos explicar como uma mesma palavra pode ressoar de modos distintos. Desse modo, “a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc.” (Bakhtin, 2006, p.32). A palavra em um sentido mais amplo constitui as relações entre os sujeitos, que são histórica e socialmente localizados. Para Bakhtin “Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo

fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte.” (Bakhtin, 2006, p.107, grifos do autor) A interação se dá pela alteridade, pois a relação entre os sujeitos é dialógica e responsiva. Ao conceber a identidade pela alteridade, Bakhtin derruba o estado monológico das identidades.

5 A noção de “cultura paraguaia” e seus elementos convencionados

Nas análises, os sujeitos que contribuíram para este trabalho são identificados como D1, D2, D3 e assim por diante, ou seja, discurso do sujeito da narrativa 1, narrativa 2, narrativa 3. Para efeito de análise, os depoimentos gravados foram primeiramente transcritos, depois selecionamos recortes destacados em itálico, que posteriormente foram identificados como R1, R2, R3, e assim sucessivamente. Com os depoimentos coletados, julgamos ser possível fazer uma leitura de alguns aspectos da Colônia Paraguaia, como a percepção das possíveis representações dessa cultura nos discursos. Nosso corpus de análise é composto de seis depoimentos de frequentadores da Colônia Paraguaia.

Neste tópico, serão analisados os discursos constituintes da formação discursiva sobre a cultura paraguaia. É importante esclarecer que não pretendemos definir o que é a cultura paraguaia, mas, sim analisar o que está no imaginário e na memória discursiva dos sujeitos frequentadores da Colônia Paraguaia. Interessa-nos, sobretudo, compreender como os elementos tidos como tradicionais vinculam-se a memórias discursivas, operando na constituição e na afirmação da identidade paraguaia. Também não afirmamos que esses elementos culturais presentes nos discursos de alguns sujeitos representem todos os paraguaios. Porém, para tornar possível esta pesquisa, consideramos os elementos culturais citados nas narrativas.

Nas análises dos recortes a seguir, teremos os elementos culturais que o enunciador destaca como constituintes da cultura paraguaia pois, é pelo uso da língua, além das rela-

ões com outros sujeitos e culturas, que o homem se constitui em sujeito (Pinto, 2005, p. 267). Ainda segundo a autora,

Todo falante de uma língua, ao se expressar, oralmente e/ou por escrito, possibilita ao seu interlocutor, depreender de seu discurso não só o assunto que deseja colocar em discussão, mas também outros aspectos que revelam a região de que se origina, o grupo social a que pertence, seus falares e costumes, sua identidade, sua cultura, sua história. (Pinto, 2005, p. 267-268)

Diante disso, procuramos identificar os elementos culturais, que segundo o discurso do enunciador, são representativos da cultura paraguaia. Veremos de que forma eles estão articulados, associados na construção das identidades dos indivíduos do grupo social da Colônia Paraguaia de Campo Grande. Para proceder à análise sobre a cultura paraguaia e seus elementos representativos, lançaremos mão de categorias que Fiorin e Savioli (2001) utilizam para analisar dois tipos de discurso: os “predominantemente concretos” e os “predominantemente abstratos”. Os concretos são figurativos e os abstratos são temáticos. Explicam ainda que,

Cada um dos tipos tem uma função distinta. Os textos figurativos produzem efeito de realidade e, por isso, representam o mundo, criam uma imagem do mundo, com seus seres, seus acontecimentos e etc.; os temáticos explicam as coisas do mundo, ordenam-nas, classificam-nas, interpretam-nas, estabelecem relações e dependências entre elas, fazem comentários sobre suas propriedades. Os primeiros têm uma função representativa; os segundos, uma função interpretativa. (Fiorin e Savioli, 2001, p. 89)

Utilizaremos as categorias de texto temático para analisarmos o que os sujeitos entendem por cultura paraguaia, empregando léxico abstrato. Para tratarmos dos elementos concretos tidos como representativos da cultura paraguaia, usaremos a categoria de texto

figurativo. Contudo, lembramos que os textos predominantemente temáticos possuem também figuração esparsa, assim como as figuras recobrem temas abstratos em um texto. Nos depoimentos, notamos que são textos predominantemente temáticos, mas com ocorrência do figurativo:

D644 hoje a gente vê que é incorporada pelo próprio sul-mato-grossense... pelo campo-grandense né... ele adquiriu esses costumes né.. você vê o campo-grandense tomando o tereré como o paraguaio... essa cultura paraguaia que contribuiu para formar a cultura sul- mato-grossense...

D6R46 veja bem... a cultura paraguaia... éh::: eu diria que está muito ligada à cultura da erva mate... aonde se tem a erva mate né... se tem cultura guarani né... porque se a gente for realmente analisar... essa cultura toda nossa veio do... da cultura guarani né...

Ao afirmar que a cultura da erva mate veio do índio guarani, D6 demonstra conhecer a história da formação do povo paraguaio. Antes da colonização espanhola, a população do Paraguai era composta de indígenas guarani. E no trecho *a cultura paraguaia... éh::: eu diria que está muito ligada à cultura da erva mate... aonde se tem a erva mate né... se tem cultura guarani né...* podemos inferir no “não-dito” que onde chegou a erva mate, há descendentes de indígenas guarani, matriz do povo paraguaio. Logo, a cultura paraguaia é vista como sinônimo da cultura guarani.

D6R48 na grande província do Paraguai era muito importante a erva mate... cultura da erva mate... a comercialização... e era a base da economia da... da... da... desses povos ali... junto da pecuária... né... então era base da economia ... quando se formou o Paraguai... na época da independência... foi mais forte procriar nossos costumes ali né... então... hoje... vamos dizer assim... que a cultura paraguaia... ela... ela... é uma cultura... é uma língua... nós temos o diferencial de termos uma língua

indígena como língua oficial e é falado por grande parte da população paraguaia né...

Há um sentimento de reconhecimento da cultura indígena, no discurso de D6, ao se destacar o “diferencial” da cultura paraguaia em ter a língua guarani como idioma oficial. Os dois recortes acima (D6R46, D6R48) fazem menção a um elemento simbólico - uma figura- muito significativa na cultura indígena guarani: a erva-mate. Para D6, a cultura paraguaia está em todo lugar onde se encontra a erva-mate, cujo manejo era dominado pelos índios guarani e que foi repassado aos paraguaios. Baller (2008, p.158) esclarece que:

A aptidão dos paraguaios nesse trabalho é o legado de sua própria descendência indígena guarani. Agregada a herança cultural que é transmitida entre os povos que há vários séculos se utilizavam da planta, como chá, remédio, e posteriormente como um modo "cevado" de mate/tereré.

D6 valoriza a questão de ter uma língua indígena como língua oficial no Paraguai. Fala da importância da erva mate na economia do país, destacando que a cultura indígena guarani faz parte da cultura paraguaia. Em sua visão, a cultura paraguaia já é resultado de um processo de forte hibridismo desde a época da colonização, quando os espanhóis começaram a ter filhos com indígenas. O tema da miscigenação é revestido pela figura da erva-mate, vista como elemento concreto agregador.

Em seguida, D3 destaca a dança e o ritmo da polca paraguaia como representativas da cultura paraguaia.

D3R31 dança... principalmente da polca paraguaia né? e da sopa paraguaia

D4R57 ela é muito gostosa... é muito bom participar... éh::: o convívio com as pessoas... traz amizade... alegria principalmente... então a cultura enobrece a pessoa né

D4 compreende o aprendizado cultural como algo positivo para a socialização. Em sua narrativa podemos perceber uma sequência: o convívio traz a amizade, que por sua vez gera a alegria e enobrece os sujeitos envolvidos.

D4R58 olha... na dança... eu amo a dança paraguaia... eu gosto muito da polca... do chamamé... é uma música alegre... enquanto a gente tá dançando essas músicas lindas... alegres... você se esquece que existe problema... a gente esquece éh:::.. éh:::.. esquece que existe doença... e qualquer coisa que nos aborrece lá fora né... e quanto a culinária... nossa... de vez em quando eu faço lá em casa ... os professores e (colegas) da Colônia Paraguaia... como o boribori... a galinhada... como fala né... que é o boribori... a sopa paraguaia né... o locro... que é uma sopa contundente...

D4R30 a gente frequenta aqui a Colônia por tradição... po:::r amizade... por amor mesmo... amor à raça

No trecho acima, especialmente *emolha... na dança... eu amo a dança paraguaia... eu gosto muito da polca... do chamamé... é uma música alegre... enquanto a gente tá dançando essas músicas lindas... alegres... você se esquece que existe problema...*, a dança e a música são associadas a uma memória discursiva associada à alegria, pois fariam com que o sujeito esquecesse as dificuldades cotidianas da vida presente, a partir da convivência em seu grupo identitário. Já no trecho *e quanto a culinária... nossa... de vez em quando eu faço lá em casa ... os professores e (colegas) da Colônia Paraguaia... (...) o locro... que é uma sopa contundente...*, as comidas típicas, feitas junto com a comunidade paraguaia, proporcionam um sentimento de coesão e pertença identitária. A palavra “contundente”, segundo a versão dicionarizada (Dicionário Priberam), significa aquele que mostra decisão ou firmeza. O adjetivo “contundente”, ao se referir ao substantivo “sopa”, parece se referir não ao alimento, mas à veracidade simbólica do signo identitário. No trecho *a gente frequenta aqui a Colônia por tradição... po:::r amizade... por amor mes-*

mo... amor à raça, o enunciador reforça sua identidade paraguaia, agora associada ao conceito de “raça”. No recorte a seguir, temos uma mistura de elementos figurativos e temáticos.

D2R91 então... éh:::.... eu acho a cultura um negócio difícil de você definir né... como a cultura de um povo... mas essa essência né... esse vivenciar o dia a dia né... o tereré... a comida... né... a culinária em si... éh:::.... a dança... a conversa em guarani e em castelhano né... eu fico encantada com tudo isso... pra mim isso é a verdadeira... a cultura paraguaia é isso... é esse vibrar... é esse sentir... é esse ser... entendeu? pra mim é isso...

D2 reconhece a dificuldade de se tratar de aspectos da cultura de um povo, porém destaca alguns elementos concretos e outros mais subjetivos. No trecho da narrativa, figuras como: tereré, culinária, comida, conversa em guarani e dança, concretizam o tema da cultura.

D5R73 mas falando da situação da... da... da... da cultura paraguaia... ela é boa... por exemplo a dança... e outras formas dentro das dança que eles apresentam... é diferente de todas essas... até da cultura brasileira que eu vejo... então a cultura paraguaia ela é enraizada... arraizada... isso aí vem de longo tempo né... e não cai... sempre é apresentado em qualquer local de Campo Grande... eles são chamados... nos dias de reunião maior da cidade que tem aí né... é apresentado... e a gente nota que é uma cultura que tem um aprofundamento... de bastante sentimento... vamos dizer assim... eu vejo que eles fazem aquilo com bastante amor... por isso num acaba... ela melhora cada vez mais...

D5 afirma que a cultura paraguaia é boa por ser diferente das outras e da cultura brasileira. Quando trata da cultura brasileira como diferente da paraguaia, deve estar se referindo à cultura brasileira que não é da fronteira, pois subentende-se que essa cultura de fronteira já é híbrida. No trecho *a cultura paraguaia ela é enraizada... arraizada... isso aí vem de*

longo tempo né... e não cai... temos a figura da “raiz” cultural, procurando afirmar a cultura paraguaia como “profunda” e “verdadeira”, algo que não acaba. No próximo recorte D7, que é professora de guarani, explica que em suas aulas não ensina apenas a língua, mas também a cultura paraguaia. Depois, destaca alguns elementos.

D7R63 o Paraguai é muito rico em costume de música... eu falo assim... a guarânia... a polca e a comida... então eu faço tudo isso pra eles ... não é só aula... não é só gramática... então pra trazer um pouquinho da minha cultura lá do Paraguai aqui pra Campo Grande.

D7R64 a roupa e a culinária... a música... a guarânia... esses identifica o paraguai... quando você for falar assim... “paraguaia... música”... então eu falo assim... o pájaro campana é muito conhecida e são... quando ouve assim “ah... é Paraguai”... então a música identifica e a comida típica... que é a sopa paraguaia... o vorivori... locro... então quando fala assim... a comida sopa... as pessoas pensam que é sopa de caldo... mas num é sopa... é sopa de sopa paraguaia... também tem a chipa guaçú de milho verde...

Outro aspecto da cultura paraguaia que é citado nas narrativas de D2 e de D3 é a religiosidade e a devoção à Virgem de Caacupé. Resultante das missões jesuíticas e outras ordens da igreja católica, a população paraguaia, em sua maioria, professa uma forte religiosidade cristã. A padroeira do país é a Virgem de Caacupé, celebrada no dia 8 de dezembro. As comemorações ocorrem no mesmo dia no Paraguai e no Brasil. No estado de Mato Grosso do Sul, essas festividades são realizadas em várias cidades.

D2R93 uma coisa tão forte... que me emociona muito é a religiosidade do povo paraguaio né... a fé em Nossa Senhora de Caacupé... que nós temos a gruta aqui né... que tem a imagem também dela... e que as pessoas vem... vem busca... neste mo-

mento de fé né... e a gente tá envolvido nisso... nesse processo... nesse sentir... nessa vibração toda... isso pra mim é a cultura paraguaia...

Temos como uma possibilidade de leitura considerar essas manifestações religiosas como tentativa de construir uma identificação no espaço da Colônia que crie um efeito de sentido de pertença a esse lugar que não se localiza no Paraguai, porém tem um pouco dele. O trecho *uma coisa tão forte... que me emociona muito e e a gente tá envolvido nisso... nesse processo... nesse sentir... nessa vibração toda...*, demonstra o envolvimento afetivo do sujeito com a crença religiosa do meio cultural paraguaio onde frequenta. D3 fala em quais eventos vai.

D3R39 de vez em quando eu venho em algumas festas... principalmente no dia de Nossa Senhora de... Caacupé... às vezes quando eu tenho tempo eu venho... tem missa... missa LINDa... missa em TRÊS idiomas... língua portuguesa... espanhol e guarani... lindÍssima... lindÍssima... na missa do final do ano... lindÍssima...

Apesar de D3 não ser paraguaia, nem descendente, ela é interpelada em sujeito pela língua guarani e pela religiosidade paraguaia.

D3R40 pra mim a colônia é ótima que é perto da minha casa né? não preciso tomar ônibus... eu venho a pé né? então quando eu posso eu venho aqui...

D4R65 só que não é muito procurado porque o pessoal acha muita dificuldade de pegar ônibus pra vir aqui... essas coisa né... mas tem muita gente que quer fazer... mas não tem meios de vir... eu moro não muito perto não...

Nos recortes de D3 e D4, encontramos duas situações diferentes. Para D3, a Colônia Paraguaia é próxima à sua casa, ou seja, não há dificuldade para chegar até a instituição. Já D4 relata uma situação oposta, a da dificuldade que “o pessoal” encontra para pegar um

meio de transporte para chegar até a Colônia. Evidenciando que “o pessoal” não mora perto, e, por isso, encontra dificuldade para ir à Colônia Paraguaia.

6 Considerações finais

Quando os sujeitos falam da cultura paraguaia, alguns elementos figurativos são recorrentes: dança e música: polca paraguaia, guarânia, chamamé, quando se trata de culinária: sopa paraguaia, locro, vori-vori, chipa guaçú, que são elementos concretos e produzem um efeito de sentido de realidade da cultura paraguaia no mundo. Há, por outro lado, outros aspectos relacionados à cultura paraguaia, como a emoção e a afetividade gerada por ela no sujeito. Os termos utilizados para se referir à cultura foram: amizade, alegria, convívio, enobrece, aprofundamento, sentimento, amor, essência, vivenciar, vibrar, sentir e ser, que expressam como o sujeito interpreta a cultura paraguaia e, ao mesmo tempo, é interpelado por ela. As identidades em diálogo expressam o compartilhamento de costumes, de símbolos, de memórias, o que gera um sentimento de pertença ou pelo menos de ter sido afetado pelo outro no hibridismo das relações.

© Maiara Cano Romero Pereira

Referências

- Bakhtin, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12 ed.: Hucitec, 2006.
- . *Estética de Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- . *Problemas da poética de Dostoiévski*. Paulo Bezerra (Trad.). Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010.
- Baller, Leandro. *Cultura, identidade e fronteira: Transitoriedade Brasil/Paraguai(1980-2005)*. Dourados, 2008. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados.
- Barreda, Suzana ViniciaMancilla. *A História dos professores de espanhol nas fronteiras*. 2007. Campo Grande. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
- Bhabha, Homi K. *O local da cultura*. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 1998.
- Centeno, Carla Villamaina. *A Educação do Trabalhador nos Ervais de MatoGrosso (1870 – 1930): crítica da historiografia regional, de suas concepções de trabalho, história e cultura*. Campo Grande, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
- Corrêa, Lúcia Salsa. *A fronteira na história regional: o sul de mato grosso (1870- 1920)*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: USP, 1997.
- Corrêa, Walmir Batista. *Fronteira Oeste*. 2 ed. Campo Grande: ed. UNIDERP, 2005.
- “Dicionário Priberam da Língua Portuguesa 2008-2013”. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/MARCA> Acesso em 20-10-2015.
- . [em linha], 2008-2013.
Disponível em: |<http://www.priberam.pt/dlpo/contudente>. Acesso em: 18-02-2016
- Fiorin, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto: leitura e redação*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2001.
- Galeano, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: L&PM, 2010.

- Jara, Alan Luiz. “Representações da cultura paraguaia: tradições e memórias na construção identitária de imigrantes e descendentes”. *Revista Eletrônica História em Reflexão*. Vol. 6 n. 12 – UFGD-Dourados jul/dez 2012. Disponível em: [102http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/Article/2141](http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/Article/2141). Acesso em 23/03/2015.
- Laraia, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. -15. ed.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- Orlandi, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*, 9 ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.
- Pêcheux, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1997.
- Pinto, Maria Leda. *Cotidiano e representação do pantaneiro nas narrativas orais*. In: *Tendências Contemporâneas em Letras*. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2005.
- Rodrigues, Marlon Leal. *Identidade: movimento do sujeito*. In: *Língua e Literatura: questões teóricas e práticas/ Danglei de Castro Pereira e Marlon Leal Rodrigues*. São Paulo: Nelpa, 2010. p.84-115.
- Souza, Lynn Mario T. Menezes de. *Hibridismo e tradução cultural em Bhabha*. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. P. 113-133.
- . “CMC, hibridismos e tradução cultural: reflexões”, 2007. Disponível em: http://people.ufpr.br/~marizalmeida/celem1_11/arquivos/Hibridism...pdf Acesso em: 18/11/2015.